

Entrevista

Prof. Dr. André Luis Montagnini

Participação no Departamento Científico na Década de 80



RM: Por que o Sr. decidiu cursar medicina? As expectativas do senhor foram atendidas?

AM: Desde a adolescência tive muito interesse por ciências em geral e principalmente química e biologia. Tenho em minha família próxima, alguns médicos e sempre que conversávamos sobre a medicina eu percebia a grande paixão que eles tinham pelo assunto. A partir destes exemplos familiares e da minha ainda latente vocação para a área, naturalmente caminha para a escolha da medicina.

Em nenhum momento do curso médico, residência médica ou da carreira atual tive dúvidas em relação a minha escolha. Posso dizer com muita propriedade que “as expectativas foram atendidas”!

RM: Como era a grade curricular da FMUSP da sua época?

AM: Cursamos as disciplinas básicas na Cidade Universitária durante os dois primeiros anos, quase sem contato com a FMUSP. A única disciplina na Dr. Arnaldo era a de anatomia descritiva.

Depois, no 3º e 4º anos, tivemos as aulas das disciplinas clínicas e cirúrgicas em blocos nas dependências da FMUSP e ocasionalmente em alguns anfiteatros do HC. No 4º ano passamos também pelo Centro de Saúde Escola do Butantã e aulas de campo na Medicina Preventiva.

No internato, chegávamos cedo e saíamos muito tarde. O aprendizado era baseado nas práticas diárias, com algumas aulas teóricas. A prioridade

era sempre a enfermagem e/ou o centro cirúrgico, dependendo do estágio. Além disso, dávamos plantões em algumas UTIs e pronto socorro, com escalas diurnas e noturnas, sem distinção.

Os internos tinham muito contato com os pacientes e seus familiares e o espírito de equipe com os grupos de residentes de cada estágio era muito forte. Tivemos um excelente aprendizado.

RM: Qual tradição da FMUSP foi mais memorável?

AM: Sempre participei de várias atividades acadêmicas extracurriculares, mas o DC e o SHOW MEDICINA foram as mais marcantes!

RM: Havia muitas extensões para participar? De quais o Sr. participou? Como se dava o relacionamento entre elas?

AM: Na FMUSP tínhamos várias opções: Atlética (com todas as suas modalidades), Coral, Show Medicina, Ligas Acadêmicas (Febre Reumática e Sífilis), CAOC com todos os seus Departamentos (DC, DPMS, Fotográfico, Musical e Rádio, Grupo Teatral Medicina, Farmácia entre outros). Os alunos ainda podiam participar, conforme seu interesse, em laboratórios de pesquisa ajudando e, principalmente, aprendendo os princípios da investigação médica. Era como a Disciplina de Iniciação Científica, só que totalmente voluntária e sem a formalidade da grade curricular.

Formado em 1984 pela Medicina pela Faculdade de Medicina da USP, completou o programa de Residência Médica em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo em 1988, e concluiu o doutorado em 1997. Atualmente é médico e professor colaborador no Hospital das Clínicas da FMUSP, atuando na área de Oncologia Ciúrgica e Cirurgia do Aparelho Digestivo.

Eu consegui conciliar minhas participações na Atlética (judô), no Centro Acadêmico (DC) e no Show Medicina (Sonoplastia e Balé). Embora houvesse certo grau de rivalidade entre estes “grupos acadêmicos” os alunos tinham muito contato entre si e as amizades estavam acima das pequenas rugas. Os alunos que circulavam bem entre os grupos conseguiam diminuir os eventuais conflitos.

RM: O que levou o Sr. a participar da diretoria do DC nos anos 1980? E para a Revista de Medicina?

AM: O C.A.O.C. sempre estimulou à participação dos alunos nos seus Departamentos. O D.C. foi o que mais me atraiu. Acho que esta atração veio da possibilidade de organizar os cursos, interagir com o corpo docente e me envolver efetivamente nas atividades de pesquisa e estruturação do Departamento propriamente dito. Quando começamos em 1980, a Revista de Medicina estava “em pausa” por absoluta falta de direção e colaboradores para tornar possível sua publicação. Como ela era um possível canal de publicação de pesquisas dos alunos e de temas médicos de interesse para os acadêmicos, começamos o hercúleo trabalho para tê-la novamente impressa.

RM: Como funcionava o DC daquela época? Quais eram as funções do Departamento?

AM: O DC funcionava em uma das pequenas salas no corredor principal do CAOC. Éramos poucos alunos voluntários e nos dividíamos entre as atividades. Para ser mais preciso, nós acumulávamos várias atividades, desde a limpeza física do Departamento até as questões mais elaboradas na organização do COMU.

O DC tinha como principais atividades a organização de cursos extra de extensão para os alunos (sempre abertos às outras escolas médicas), a publicação da Revista de Medicina e à partir de 1981 a organização do COMU. Todos nós trabalhávamos em todas as atividades.

RM: Como foi a evolução da RevMed naquela década? Houve algum momento de dificuldade?

AM: As dificuldades foram enormes. Não tínhamos experiência em publicação nem consultor para nos ajudar. Começamos com a contratação de uma editora que aceitou um contrato de risco, ou seja, não pagávamos nada e eles ficavam com os valores obtidos na inclusão de publicidade e do “indicador

médico”. Começamos com poucos artigos convidados e com o tempo passamos a receber artigos para a publicação. A periodicidade era muito inconstante e lutávamos contra os atrasos na entrega dos artigos. Depois pudemos também publicar os resumos dos temas livres apresentados no COMU. Uma peculiaridade era a que nós tínhamos que fazer a distribuição e cuidar dos assinantes. A revista era enviada para diversas escolas médicas e hospitais no Brasil, América do Sul, Portugal, Espanha e Arábia Saudita! As etiquetas de endereço eram datilografadas, não tínhamos nenhum computador nem impressora, em nossas casas à noite.

RM: As expectativas ao entrar no DC foram atendidas? O Sr. teria feito alguma coisa diferente naquela diretoria caso fosse possível voltar no tempo?

AM: Todos nós entramos no DC sem ter muito claro o que teríamos pela frente e sabíamos que o trabalho seria muito intenso. Foi ótimo pois tivemos a possibilidade de trabalharmos em equipe e criar novas atividades para o Departamento. Acho que poderíamos ter registrado melhor as atividades e rotinas do DC deixando para as futuras gerações um registro “histórico” do nosso trabalho.

RM: Quais os aprendizados principais obtidos ao participar dessa extensão?

AM: O maior aprendizado foi ver que um grupo de alunos motivados e interessados pode fazer a diferença nas atividades extracurriculares. Todas as atividades da FMUSP propiciam este engajamento e nossa participação depende mais de nós mesmos do que de um agente exterior.

RM: A situação política do Brasil naquela década influenciou de maneira importante o Departamento Científico? Como?

AM: Estávamos na época dos governos militares e havia certo grau de repressão e controle. Como nossas atividades apresentavam a fachada de atividades exclusivamente científicas, mesmo a revista, não tivemos maiores problemas.

RM: Quais valores do DC e da RevMed o Sr. acha que os membros devem preservar ao longo das gestões?

AM: O maior valor que sempre tivemos foi o de

acolher e aglutinar todos os alunos com interesse em participar nas diversas áreas de atuação do DC. Cada um pode dar uma imensa contribuição e ao mesmo tempo aprender sobre atividades de empreendedorismo e de execução.

RM: Para os alunos que estão iniciando agora a vida acadêmica, quais sugestões você daria?

AM: Estudem bastante e encontrem dentre todas as atividades extracurriculares que temos na FMUSP aquelas para as quais vocês tenham vocação. Não fiquem alheios à vida acadêmica de nossa escola. O convívio acadêmico e com os professores nos aproxima muito e nos traz muita satisfação. A escola é nossa!

RM: Como o senhor escolheu sua residência em Cirurgia do Aparelho Digestivo e depois a ênfase em Cirurgia Oncológica?

AM: Como todas as nossas escolhas: a partir de exemplos, experimentação, vocação e principalmente a vivência diária no ambiente do hospital. O convívio com os “mais experientes” pode ser um impulso a

mais na coragem da escolha.

RM: O senhor destacaria alguma mudança na educação médica de quando o senhor se formou para atualmente?

AM: Vejo hoje maior preocupação com o estudo formal baseado em programas para as provas de residência: livros, aulas e material de apresentação. Parece-me que os alunos temem ficar focados no aprendizado baseado na prática clínica diária no hospital. A experiência clínica complementa muito os estudos teóricos. Não deixem de participar.

RM: O senhor poderia relatar uma experiência marcante na sua carreira.

AM: Todos nós vivemos diversas situações peculiares e pitorescas em nossa vida acadêmica e profissional. O mais marcante é o espírito de união e companheirismo sempre que encontramos um contemporâneo ou colega em qualquer ocasião. Nossa passagem pela FMUSP deixa-nos marcados para sempre e nossa comunidade está sempre pronta a nos receber. Vivam a FMUSP com toda intensidade!